

## **As fronteiras interiores, nos Museus**

Prof. Mário Moutinho

2º Encontro Transfronteiriço de Museologia. A função social dos Museus  
Museu de Cáceres Dezembro 2008

Domínios há em que o Museu se mantém obstinadamente insensível às mudanças da sociedade e por isso mesmo, vão aprofundando o fosso que separa uma parte considerável da museologia da sociedade envolvente. São museus cheios de fronteiras, algumas reais outras imaginárias.

Podemos facilmente identificar três domínios mais generalizados de Fronteiras:

**O discurso museológico mantém-se dependente das colecções**

**O discurso museológico não reconhece um novo grau de autonomia do público**

**O discurso dos museus mantém-se desfasado do quotidiano**

Sobre o primeiro ponto *O discurso museológico mantém-se dependente das colecções*, julgamos que isso tem a ver particularmente com a própria origem de cada museu que tem sempre por base uma colecção.

Apenas os museus de divulgação científica se colocam noutra situação, na medida em que procuram expor e explicar, processos e leis, do domínio de diferentes ciências (geralmente das ditas ciências exactas). Por isso os seus recursos expositivos são no essencial fabricados, facto que, paradoxalmente, não parece incomodar os sectores do pensamento museológico que se reconhece nas funções tradicionais dos museus.

Michel Thevoz expressou de modo particularmente forte, uma ideia de exposição, que subscrevemos plenamente e que de certa maneira dá embasamento à nossa reflexão.

*"Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré - concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar - no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum ( do banal). No entanto também é certo que uma exposição que procuraria deliberadamente escandalizar traria, por uma perversão inversa o mesmo resultado obscurantista que a luxúria pseudo - cultural. ... entre a demagogia e a provocação, trata-se de encontrar o itinerário subtil da comunicação visual.."(5) Michel Thévoz, Esthétique et/ou anesthésie museographique, Objets Prétextes, Objects Manipulées, Neufchatel, 1984, p. 167.*

Então podemos admitir que a função de um museu se renovará, se este se reconhecer como um lugar de comunicação, não acorrentado a colecções que em última instância determinam geralmente a sua própria programação.

Mas se *a museologia como meio de Comunicação* é cada vez mais reconhecida, teremos que admitir que a museologia não é apenas o que acontece nos Museus.

Antes pelo contrário, a museologia como meio de comunicação deverá ser cada vez mais entendida como um recurso exterior ao Museu. E se assim for, teremos

de considerar a distinção entre a museografia, como tudo o que diz respeito ao Museu, da expografia entendida como uma escrita, de algum modo inovadora, como sendo esse meio de comunicação.

Que o museu recorra à expografia ou não, deixa de ser uma obrigatoriedade, para ser uma opção tomada em função de cada projecto de intervenção montado no seio de cada museu.

Por seu lado a expografia procurará cada vez mais cortar o cordão umbilical com a instituição museal para ser uma espécie de fruto que cada um pode colher e utilizar como bem entender.

Podemos fazer um paralelo: se a escrita não é apenas um recurso ao serviço dos editores de texto, mas sim uma forma de expressão cada vez mais acessível e democratizada a expografia também não é apenas um recurso que só tem sentido ao serviço dos Museus.

Mas para os Museus isto trás consequências importantes e de difícil aceitação. A expografia deixando de estar acorrentada ao serviço das colecções passa a poder ser um recurso para desenvolver e apresentar ideias dentro e fora do Museu.

Reconhecemos no passado que as colecções dos museus tradicionais são compostas por objectos e que as colecções dos Museus que buscam novos rumos, são os problemas das comunidades que lhes dão vida.

E se assim for a expografia orientada para os objectos museológicos, deverá pelo menos teoricamente assumir formas diferentes, porque passam a trabalhar com os problemas das comunidades.

Esta constatação implica por sua vez o reconhecimento de que as regras da expografia de objectos provavelmente não coincidem com a expografia de ideias.

Porque exactamente essas ideias estão na base do processo comunicacional devemos reconhecer um lugar próprio à memória de quem fala, de quem ouve e de quem dialoga.

Não se expõem a memória das coisas, mas sim constrói-se um processo de comunicação do qual é parte integrante a memória dos actores.

De objecto de colecção podemos assim passar progressivamente para a potencialidade comunicativa da forma. E isto é tão mais certo se *pensarmos com Pierre Francastel numa epistemologia de criação imaginária. "Longe de ser um registro mecânico de elementos sensórios, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade - imaginativa, inventiva, perspicaz e bela....Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção. A forma de um objeto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projecção retiniana numa dado momento. Estritamente*

*falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objeto ou com aquele tipo de objeto durante toda a nossa vida"<sup>1</sup>*

Ao libertar-nos o Museu das colecções e enunciar os dados de uma expografia não fundada em objectos herdados mas sim construídos, estamos pervertendo a função mais tradicional do Museu e quebrando por assim dizer as expectativas que o público também mais tradicional pode ter do Museu.

Mas será que esse público mais tradicional do museu ainda existe ou será apenas uma categoria uma espécie de fronteira que apenas existe na mente dos directores de museus.?

Falamos por exemplo do grau de autonomia de cada visitante, que hoje caracteriza a nossa sociedade e que leva os indivíduos cada vez mais a não se submeter tão facilmente a discursos autoritários e padronizados. Trata-se de um segundo elemento que não mudou nos museus e que resumimos como *a recusa dos museus em reconhecer um novo grau de autonomia* na aquisição de informações por parte dos visitantes.

Hoje em dia qualquer adolescente domina plenamente processos de aquisição de informação mil vezes mais amplos e complexos que a geração dos seus pais. Estamos a falar da Web e de todos os recursos aí existentes. Por que razão alguém se contentará da geralmente pobre informação que o Museu disponibiliza quando tem ao seu alcance um mundo de conhecimento?

É um facto que os museus tal como os conhecemos não têm capacidade para se renovarem todos os dias na medida em que são condicionados por vários factores

**Não faz parte da sua própria imagem a ideia de renovação permanente  
O tempo dentro do museu é quase sempre entendido como tempo passado  
Ao museu não compete imiscuir-se no que se passa fora das suas paredes.**

Faltará pois ter em consideração que mais tarde ou mais cedo os museus terão de deixar esta obsessão pelo passado, para passar a comunicar por meio de objectos que expressam ideias, utilizam plenamente os novos recursos da Tecnologia e reconhecem a existência de um público que não precisa de guias, nem legendas.

Rejeitamos com facilidade um jornal que repetisse cada dia as notícias do dia anterior. Mas aceitamos sem questinar que um museu mantenha a mesma exposição durante meses ou anos.

Museu em que cada dia as suas exposições possam mudar de acordo com a vida de cada dia e onde cada um, leia outro jornal ou veja outra televisão, que tomou em consideração a memória certamente, mas também o olhar da curiosidade e do desejo de aprender.

Para ultrapassar as nossas fronteiras importa pois ter em consideração:

O reconhecimento que as **questões do desenvolvimento social e da Cultura** são cada vez mais elementos de uma **responsabilidade Social onde assenta a intervenção museal**

---

<sup>1</sup> citado em *Rudolf Arnheim, Arte e Percepção Visual, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1994, int,e p.40.,*

O reconhecimento que todas as sociedades estão em permanente **mudança** pelo que a actuação dos museus deverá assentar nessa própria mudança

O reconhecimento que os museus são cada vez instituições entendidas como **entidades prestadoras de serviços**, pelo que necessitam crescentemente de envolver os conhecimentos das áreas da gestão, da inovação, do marketing, do design e das novas tecnologias da informação e da comunicação em geral

O reconhecimento que os recursos humanos envolvidos nas diversas e ampliadas funções dos museus carecem cada vez mais de **formação aprofundada que ultrapassa as tradicionais formações técnicas** que esgotam a actuações dos museus centrados exclusivamente sobre as suas colecções.

Estamos pois a falar de museus e exposições atentos ao tempo em que vivemos, museus da sociologia, da psicologia ou da globalização  
Museus onde seja possível responder a novas perguntas

Qual o papel dos museus na defesa dos direitos humanos?

Qual o papel dos museus contra a violência doméstica?

Qual o papel dos museus na luta contra o HIV?

Qual o papel dos museus relativamente à invasão do Iraque?

Qual o papel dos museus na desmontagem de fronteiras?

De certa forma falámos da necessidade dos museus ultrapassarem fronteiras que foram construídas (e nas quais se habituaram a viver) em contextos sociais bem diferentes daqueles em que vivemos.

Tal qual como a fronteira que nos separava e que hoje aqui já quase esquecemos, partilhando os nossos saberes e também as nossas dúvidas.